

economia

Durigan diz que Brasil está melhor que Argentina

Ministro reagiu a falas de Javier Milei contra o governo brasileiro

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, classificou ontem o presidente da Argentina, Javier Milei, como “palhaço” ao comentar sobre as falas do chefe de Estado do país vizinho com ataques ao governo brasileiro. Ele concedeu durante a manhã uma entrevista à Rádio Jornal, de Pernambuco.

Milei, durante convenção do Partido Liberal, em São Paulo, no sábado, chamou Lula de “presidiário” e Moraes de “lixo careca”. Também disse confiar em Flávio Bolsonaro (PL) para “conseguir parar a escória socialista”.

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chamou o embaixador do Brasil na Argentina, Júlio Bitelli, para consultas após os ataques feitos pelo presidente argentino.

“O palhaço do presidente da Argentina falou do Brasil quando o risco-país da Argentina é muito mais alto, a dívida pública é muito mais alta, a inflação é muito mais alta”, declarou Durigan. Ele também reforçou os indicadores positivos da economia brasileira: “O Brasil está com mínimo de desemprego, mínima de inflação, recorde em balança comercial e safra recorde”, afirmou. Durigan comentou ainda que o risco-país, no Brasil, está na mínima histórica.

Sobre a crise diplomática com a Argentina, não há um prazo para o retorno do embaixador do Brasil na Argentina ao país vi-



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Líder da Fazenda chamou o chefe de Estado do país vizinho de ‘palhaço’

zinho. O ato de chamá-lo de volta ao Brasil para reuniões serve como um recado diplomático de forte descontentamento.

Ao comentar sobre o cenário das contas públicas do País, o ministro da Fazenda avaliou que o gasto do governo “já não explica o endividamento público desde 2024”. Ele disse que os juros altos seriam os responsáveis para o cenário de crescimento da dívida pública.

Durigan avaliou ainda que o endividamento “não está bom” e segue em patamar alto. A partir de 2030, a expectativa é de redução nesse indicador. “Nós temos que mostrar que o país tem caminho para seguir com uma trajetória sustentável”, afirmou. Para ele, mostrar que trajetória é sustentável dá tranquilidade para a economia.

O ministro voltou a criticar o governo de Jair Bolsonaro por ter adotado em 2022 mudanças que tiveram forte impacto fiscal para o governo posterior, como o atraso nos precatórios.

“Esse ano nós estamos fazendo bloqueio orçamentário, o que o governo está fazendo sim, inclusive os governos anteriores fizeram, é alterações de crédito. Dar crédito para as pessoas, com risco dos bancos. As pessoas têm que pagar de volta esse crédito, pagar com uma taxa de juros ainda que mais baixa”, afirmou na entrevista.

Durigan também refutou o argumento de que o governo “segue gastando” sem limitação e falou do arcabouço fiscal. Ele comentou que, em 2026, há perspectiva de déficit fiscal “muito pequeno” ou superávit, a depender da receita do petróleo.

Situação econômica do País é ruim ou péssima para 49%

/ PESQUISA

Pesquisa BTG/Nexus divulgada, ontem, mostra que 49% avaliam que a economia do País está ruim ou péssima, enquanto 18% consideram que ela está ótima ou boa. Os resultados apresentam variação positiva para o governo, porém, dentro na margem de erro de 2 p.p. em relação ao último levantamento, de 13 de julho, quando os que consideravam a economia ruim ou péssima eram 53% e ótima e boa, 15%.

Sobre expectativas para os próximos seis meses, 34% dos entrevistados dizem que a economia do País vai melhorar “muito” ou

“um pouco”, enquanto 32% afirmam que a situação deve piorar “um pouco” ou “muito”. Outros 27% avaliam que a economia deve ficar igual, e 7% não souberam ou não responderam.

Sobre a situação financeira pessoal dos entrevistados para os próximos seis meses, 42% dizem que deve “melhorar muito ou um pouco”, enquanto 15% afirmam que deve “piorar um pouco ou muito”. Já 35% afirmam que a situação financeira pessoal deve continuar igual.

Ao comparar o cenário econômico atual com o governo anterior, 40% dizem que a economia está melhor no governo do presiden-

te Luiz Inácio Lula da Silva (PT) do que na gestão Jair Bolsonaro (PL), enquanto 42% avaliam que está pior.

O levantamento também mostra que a segurança pública segue como o principal problema do País para 30% dos eleitores. Em seguida, aparecem saúde pública (26%), corrupção (22%), classe política (17%) e educação (16%). A Nexus ouviu 2.004 entrevistados, com 16 anos ou mais, por telefone, de 24 a 26 de julho. A margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos, com um nível de confiança de 95%. A pesquisa está registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sob o código BR-01489/2026.

Confiança do consumidor cai 0,4 ponto em julho ante junho

/ CONSUMO

A confiança do consumidor caiu 0,4 ponto em julho, para 88,3 pontos em julho ante junho, na série com ajuste sazonal, informou ontem a Fundação Getúlio Vargas (FGV). O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) ficou em 88,3 pontos. Em médias móveis trimestrais, o índice cedeu 0,3 ponto, para 88,6 pontos.

O resultado representa o menor nível desde março de 2026 (88,1 pontos) e foi influenciado pela piora da percepção sobre o momento presente, principalmente com relação aos orçamentos financeiros das famílias.

“Até o mês passado, a piora gradual da confiança era impulsionada pela deterioração das expectativas futuras, enquanto a percepção sobre o presente seguia em melhora”, afirma Anna Carolina Gouveia, economista do FGV IBRE.

Em julho, o Índice de Situação Atual (ISA) recuou 2,6 pontos, para 84,4 pontos. Em contrapartida, o Índice de Expectativas (IE) subiu 1,1 ponto, para 91,5 pontos, após dois meses em queda.

“Embora ainda possa refletir uma calibragem dos resultados anteriores, a virada de chave observada neste mês pode sinalizar que o pessimismo em relação ao futuro começa a influenciar a avaliação atual dos consumidores, especialmente de sua situação financeira”, complementa.

O alto endividamento e inadimplência das famílias,

junto a um contexto de juros fortemente restritivo, seguem sendo o principal ponto de pressão do orçamento do consumidor, influenciando sua percepção sobre a economia, mostra a pesquisa da FGV.

O componente que mede as perspectivas sobre as finanças familiares nos próximos meses foi o que mais influenciou o recuo da confiança em julho, com recuo de 0,2 ponto, para 87,5 pontos.

O item que mede o grau de otimismo com a situação econômica geral recuou 1,4 ponto, para 103,9 pontos. Por outro lado, a intenção de compras de bens duráveis avançou 4,7 pontos, para 84,7 pontos.

Na avaliação sobre o momento atual, o item que mede as finanças familiares teve recuo de 3,5 pontos, para 75,5 pontos, enquanto a satisfação sobre a situação econômica local do consumidor recuou 1,7 ponto, para 93,7 pontos.

A análise por faixa de renda mostra queda na confiança em julho nas duas faixas de renda mais baixas: no grupo de famílias com renda mensal até R\$ 2.100,00, houve recuo de 10,5 pontos.

Entre os consumidores com renda familiar entre R\$ 2.100,01 e R\$ 4.800,00 mensais, houve recuo de 0,3 ponto; no grupo que recebe de R\$ 4.800,01 a R\$ 9.600,00, alta de 5,9 pontos; e no grupo com renda familiar acima de R\$ 9.600,01, alta de 0,4 ponto na confiança, apontou a FGV. A Sondagem do Consumidor coletou entrevistas entre os dias 1º e 22 do mês.



PATRICIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC

Juros altos e endividamento mantêm pressão sobre o orçamento